



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO E ARTES

---

JOSUÉ CARLOS SALVADEGO JUNIOR

**TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS E OS CLÁSSICOS LITERÁRIOS**

---

Londrina – PR

2010

**JOSUÉ CARLOS SALVADEGO JUNIOR**

**TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS E OS CLÁSSICOS LITERÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de  
Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina Pedagogia.

Orientador: Professor Gilmar Aparecido Altran.

JOSUÉ CARLOS SALVADEGO JUNIOR

## **TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS E OS CLÁSSICOS LITERÁRIOS**

Trabalho de Conclusão apresentado de  
Curso de Graduação em Pedagogia, da  
Universidade Estadual de Londrina.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Ms. Gilmar Aparecido Altran**

---

**Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Leoni Maria Padilha**

---

**Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Rosângela Aparecida Volpato**

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de **2010**

# DEDICATÓRIA

A Deus e aos meus pais, pela  
atenção e apoio em todos os momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Olavo de Carvalho pelos conhecimentos valiosos.

Ao sábio professor, José Monir Nasser, pela paciência de ensinar e transmitir seus conhecimentos.

Aos meus amigos, pelos ótimos momentos vividos durante o curso.

À minha família, por estar ao meu lado sempre que eu precisei.

Ao orientador deste trabalho, Professor Gilmar Aparecido Altran, pela liberdade e atenção concedida para o feito.

Aos amigos do “Xerox CCH” da Universidade Estadual de Londrina.

A todos que diretamente ou indiretamente ajudaram na realização e conclusão deste estudo.

"Somente a consciência individual do agente dá  
testemunho dos atos sem testemunha, e não há ato  
mais desprovido de testemunha externa  
do que o ato de conhecer."

Olavo de Carvalho

SALVADEGO, Josué Carlos Junior. **Teoria dos Quatro Discursos e os Clássicos Literários**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação Pedagogia – Universidade Estadual de Londrina/PR.

## RESUMO

O presente estudo teve como objeto de pesquisa a Teoria dos Quatro Discursos de Olavo de Carvalho e os clássicos Literários. É um apontamento de uma hipótese criada a partir da confluência entre teorias, incluindo a de Olavo de Carvalho e práticas de estudos. A metodologia de pesquisa empregada foi de caráter exploratório, usado principalmente, a revisão de literatura a fim de justificar a hipótese apontada. Primeiramente, foi entendido que somente com a imaginação se pode entender a realidade, ou seja, a importância desta para o início de uma formação intelectual. Logo, com a junção da teoria de Aristóteles se chegou ao objetivo geral do trabalho, a criação de um homem magnânimo, um homem maduro. Olavo de Carvalho propõe que o início do estudo de um intelectual ou o homem maduro deveria começar pela imaginação, pois seria este o caminho para o enriquecimento de experiências e possibilidades na mente de uma pessoa. Foi esclarecida a relevância do discurso poético e a sua relação com estas experiências. Através dessa teoria foi-se capaz de pensar em uma seqüência de leitura, principalmente a leitura de livros, porém, faltaria o que ler e como absorver tais conteúdos de forma qualitativa. Isso é alcançado através da Grande Conversação proposta por Mortimer Jerome Adler, ou seja, Adler selecionou os grandes livros ocidentais que contribuem para o alargamento do intelecto, livros matrizes dos debates culturais, uma lista onde contém livros com diversas maneiras de leitura, ao qual o trabalho foca o modo ficcional, pois este carrega o mundo das possibilidades e traz para o indivíduo, através dos personagens, situações, casos e arquétipos possivelmente vividos criando certo respaldo de comparação para o leitor. Comparação esta que servirá de certa “vacina” para a ação ou reação do leitor perante o real fazendo assim com que seja mais preparado para as invariáveis situações que a vida nos traz. Concluiu-se que a confluência entre tais sábios demonstrados gera um método de estudo, ao qual reflete sobre o início de uma formação intelectual, uma formação que visa à criação de um homem magnânimo.

**Palavras-chave:** Teoria dos Quatro Discursos, Spoudaios, Discurso Poético, Grande Conversação, Leitura Ficcional.

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACIL Associação Comercial e Industrial de Londrina



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. CAPÍTULO 1 – A VIDA INTELLECTUAL.....</b>	<b>4</b>
2.1 Por que é que os homens desejam conhecer?.....	9
<b>3. CAPÍTULO 2 – TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS.....</b>	<b>12</b>
3.1. Processo Cognitivo.....	12
3.2. Teoria dos Quatro Discursos.....	14
3.3. Spoudaios.....	19
<b>4. CAPÍTULO 3 – A ARTE DE LER.....</b>	<b>22</b>
4.1. Níveis de leitura.....	23
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBILOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir é uma tentativa de confluência entre teorias e práticas de estudo de autores como Olavo de Carvalho, Mortimer Adler, entre outras contribuições. Essa junção de correntes irá abranger a disciplina, vontade e vocação para a vida intelectual e tem como objetivo a compreensão e domínio dos diferentes discursos prestando importância dos clássicos<sup>1</sup> literários para a absorção e melhor faculdade da linguagem.

O núcleo e principal parte do trabalho será abordados no capítulo dois, onde será exibido a Teoria dos Quatro Discursos de Olavo de Carvalho, uma abordagem sobre as quatro linguagens que o discurso humano possui. O trabalho irá girar em torno desta teoria apontando a importância da sua aprendizagem, como absorvê-la e seus objetivos.

Dando respaldo ao início da faculdade do imaginativo de uma pessoa, a teoria de Olavo de Carvalho, indiretamente, irá direcionar os estudos de um futuro intelectual. O conteúdo destes estudos será tema do capítulo três, no qual Mortimer Jerome Adler, além de indicá-los, nos mostrará como absorver tais conteúdos.

Em vista disso, o primeiro capítulo será um norte, pois mostra os princípios e noções devidas para qualquer pessoa que deseja seguir o caminho da vida intelectual. Condutas perante a própria pessoa, perante a sociedade e o conhecimento que são exigências básicas de acordo com os sábios no capítulo citadas.

Para concluir será posto como tais teorias, métodos e conteúdos formam uma unidade entre eles. Toda essa unidade, um legado da tradição, é essencial para uma formação íntegra, logo, estará em prova a contribuição dos autores de referência para esta formação.

Uma observação importante é quando digo direcionar ou mostrar o caminho de uma vida intelectual, não quero dizer que sou um e possuo o “mapa” da jornada para levar aos que não o conhecem, visto que, estou aqui apenas para mostrar esse seguimento que me ensinaram e ainda ensinam.

---

<sup>1</sup> Clássicos seriam livros que sobrevivem ao tempo, sem considerar a época, ainda trazem consigo conteúdo fundamental para os assuntos que retratam.

O método de pesquisa empregado em sua amplitude foi uma pesquisa de forma Exploratória que contém em seu conjunto de características um modo mais bem conveniente ao trabalho proposto: o Exame de Literatura. Utilizo como base teórica para explicação deste tópico Sergio Vezneyan e o que tal compreende sobre métodos de pesquisa, ou seja, para Vezneyan (2009, p.28) a pesquisa Exploratória desenvolve, esclarece e modifica idéias, assim como formula problemas e cria hipóteses. Ainda exhibe com clareza quando cita Hart (1998) para explicar o que se entende por Exame de Literatura:

A seleção de documentos disponíveis (publicados ou não) sobre o tópico, que contenham informação, idéias, dados e evidências escritas de um ponto-de-vista particular, que preencha certos objetivos e visões da natureza do tópico e de como ele é investigado, bem como da efetiva avaliação desses documentos em relação à pesquisa que está sendo proposta. (VEZNEYAN, Sérgio. Genocídios no século XX: uma leitura sistêmica de causas e conseqüências. (2009, p. 31).

Sintetizando, a metodologia usada foi um levante teórico para se efetuar uma hipótese. Por mais que o objetivo da metodologia é o de resultar uma hipótese não faço isso no trabalho, apenas a aponto, ou seja, isso é feito por limitações que o próprio objetivo do trabalho me impõe, e também, pela ignorância e sinceridade perante o conhecido. Não sou o criador da hipótese divulgada por este trabalho como será observada, a resultante já estava subentendido nas obras usadas como base teórica.

Um porque deste feito seria a simples resposta de que baseado em estudos realizados a respeito acredito ser a melhor maneira de se adquirir uma educação de significado porque sigo esse caminho e vivencio essa difícil empreitada. E como se trata de um trabalho direcionado para a educação, antes de transmitir ou passar algo adiante é necessário possuí-lo em qualidade e quantidade.

De maneira geral, explicado o porquê da obra mostro uma parte do objetivo de tal processo, agora, de um jeito mais particular, sou experiência e resultado real de que funciona e está funcionando nas questões de melhor absorção e compreensão dos legados culturais e, principalmente, no reconhecimento da responsabilidade para com o conhecimento adquirido. Isto e tudo mais, nas questões dos estudos dos clássicos e da responsabilidade

perante o que possui e transmite será mais bem apurado separadamente no decorrer. Contudo, demonstrarei por que é um caminho para a autoconsciência e uma maneira de se alcançar uma vida de cultura elevada.

## CAPÍTULO 1 – A VIDA INTELECTUAL

Se a Teoria dos Quatro Discursos é o centro do trabalho este capítulo é o seu norte. Para ser um bom leitor e realmente absorver o que o escritor lhe transmite deve por parte deste primeiro, o leitor, partir dos mesmos princípios que o segundo ou ao mínimo compreendê-los muito bem para que haja um sincero e completo entendimento do assunto. Preciso fazer uma reflexão deste tema, ou seja, sobre o que entendo de vida intelectual, pois segue de forma intrínseca com o centro do trabalho.

Presumo que o domínio da linguagem seria requisito básico de um estudioso e sendo o foco deste trabalho o discurso e conseqüentemente a linguagem explico para mostrar a seguir o que entendo sobre o título acima, o porquê e o para quê esse tipo de vida cuja seja o sentido e conseqüência do estudo.

De uma visão mais ampla a vida intelectual seria um círculo de relações, segundo Carvalho (1989, p.2) <sup>2</sup> é uma “ponderação” entre “vidas”, a vida natural: do qual é a relação do homem com o meio terrestre; com a vida civil: que seria as relações de parentesco, o círculo de amizade e de frequentação mútua, a forma de produção, e de apropriação dos bens, quer naturais, quer artificial; e com a vida política: que são as relações entre grupos, ou seja, relacionamentos entre classes, grupos de interesse, corporações profissionais, determinados quer por afinidades de intenção, por necessidade econômica, proximidade regional, enfim, as relações destes ou dos indivíduos que os representam com o restante da comunidade.

Isto tudo, é para demonstrar que “a vida intelectual não é um universal abstrato, mas uma ocupação efetiva de homens reais e concretos” (CARVALHO, 1989, p.1) num tempo e num lugar sob condições particulares nesse tempo e nesse espaço. Porém, o universal abstrato existe, mas em uma tensão que encontra dificuldades para se encaixar nos atos concretos, pois, a

---

<sup>2</sup> Retirado da apostila da segunda aula do curso Introdução à Vida Intelectual, ministrado por Olavo de Carvalho no Instituto de Artes Liberais do Rio de Janeiro em 1989. Disponível em <<http://www.seminariodefisofia.org/>>. Acesso em 25 de Novembro de 2010.

concretude é imperfeita, ou seja, a materialização do perfeito no imperfeito. No entanto, o que seria a vida intelectual? Seria uma ponte com o objetivo de ligar o universal abstrato acima dito com a vida real. “Essencialmente, a superação da experiência imediata, a construção da representação universal coerente, e a coerenciação da representação com os atos”. (CARVALHO, 1989, p.1)

Surge então um comprometimento na vida do intelectual, cria-se uma tensão entre: universal abstrato – dever – ações reais. Para explicar os deveres em atos que o intelectual tem como compromisso será necessário se reportar aos “critérios tradicionais legados pelas religiões e pela sabedoria universal” CARVALHO (1989, p.2) e à filosofia moral de Aristóteles:

Ao discutirmos deveres morais, devemos ater-nos estritamente aos critérios tradicionais legados pelas religiões e pela sabedoria universal, evitando todo improviso subjetivo, porque decretar deveres incumbe somente a Deus, e interpretá-los não incumbe a nenhum homem em particular, porém, ao consenso universal dos sábios. O esforço individual de interpretação deve vir somente depois, quando, fixado aos critérios gerais, se trate de aplicá-los e viabilizá-los para a situação particular, concreta e vivida onde há de se dar, na prática, o cumprimento desses deveres. Portanto, nas linhas que se seguem, procuramos apoiar-nos o mais possível no consenso universal da filosofia moral – de Aristóteles até hoje –, contornando os detalhes incertos e as questões disputadas. (CARVALHO, 1989, p. 2)

“O que seria esses atos e quais são os deveres em atos morais que, essa tarefa de “encaixe”, traz ao intelectual e qual a diferença deste homem cujo compromisso com a razão é mais direto em relação a ele com os demais seres humanos?” (CARVALHO, 1989, p.2)

Para responder essas questões temos que ter consciência do que o autor da pergunta acima entende de dever religioso e dever de estado.

O dever religioso seria o consentimento de que nós humanos somos criaturas finitas de uma fonte infinita, causados e não causadores de nós próprios. Este dever bifurca em dois tipos: a religião revelada e a religião natural. A primeira seria o que, normalmente se entende por religião e os deveres que esta traz para seus seguidores, ou seja, um fenômeno mostrado aos homens por profetas, com cada cultura a sua, em devido tempo e espaço com seus ritos e leis que relembram e revigoram com uma “*modalidade simbólica sacramentada*” por Deus.

Agora, a religião natural, “todo ser humano, sem distinção, na medida em que seja capaz de articular frases, tem o dever de ter esta autoconsciência.” (CARVALHO, 1989, p.3) O homem que através da “*autoconsciência da alma pensante*”<sup>3</sup>, independente de sua religião, descobre que existe algo que transcende o universo, uma causa que não pode ser causada pelo homem, a religião natural seria um sentimento de “*espanto e reverência*”<sup>4</sup> que todo ser humano possui diante do Sentido da significação, Carvalho (1989) se refere ao “*senso do sentido*”<sup>5</sup>:

Não se trata do terror perante o inexplicável, mas sim de um indescritível senso de gratidão total perante a antevisão de um Sentido final que tudo explica, que tudo redime, que tudo justifica e tudo abarca. Não é nenhum senso de terror perante a escuridão, nem o deslumbramento paralisante perante uma luz que cega. É o senso de devoção maravilhada perante a explicação perfeitamente satisfatória, perante a esquemática humana, nos integra harmoniosamente na Inteligência divina, sem nos negar nem nos destruir. (CARVALHO, 1989, p. 3)

A rejeição do dever religioso é a “*via diabólica*”. Dos clássicos literários ao cinema moderno, por meio da linguagem poética, própria das artes, várias são as denúncias contrárias a esse caminho. De maneira explícita em “O Fausto” de Johann Wolfgang Von Goethe<sup>6</sup>, o personagem central (Fausto) possuidor de vasto conhecimento e vivenciando a angústia fáustica, aceita viver uma trama com o diabo (Mefistófeles) achando que, com um “certo pacto” com o demônio, alcançaria um maior sentido de vivência, ou seja, não aceitando a tensão que a realidade traz. Outro personagem, agora no cinema, é o personagem “Antonius Block” do filme “O Sétimo Selo” de “Ernest Ingmar Bergman”<sup>7</sup> em que acusa Deus de não dar as respostas metafísicas suficientes para o homem possuir certa garantia da aceitação do real. Outro exemplo clássico é o personagem de Fiódor Dostoiévski do seu livro “Crime e Castigo”<sup>8</sup>, ao qual o personagem cria uma conduta moral própria fugindo

---

<sup>3</sup> Termo usado por Carvalho (1989).

<sup>4</sup> Idem acima.

<sup>5</sup> Idem acima.

<sup>6</sup> Goethe, Johann Wolfgang Von (1981), **Fausto**. Brasil, EDITORA ITATIAIA LIMITADA.

<sup>7</sup> O Sétimo Selo. Ernest Ingmar Bergman. EDIÇÃO DE COLECIONADOR. 1957.

<sup>8</sup> Dostoiévski, Fiódor (2009), **Crime e Castigo**. Brasil. EDITORA 34.

assim do dever religioso. Carvalho (1989) nos dá outro exemplo literário onde encerra:

Dante, procurando sair da “selva selvaggia”, tenta três caminhos sucessivos, onde é barrado por uma pantera, um leão e uma loba, após o que encontra Virgílio, que lhe recomenda outro caminho que, sem passar pela selva, o levará ao “diletoso monte” que é “princípio e ocasião de toda alegria” (Inferno, I, vv.76-91). As três feras representam a impossibilidade de o homem sair da selva de sua confusão sem o auxílio do Cristo, o qual é representado pelo “monte”, de vez que Monte é, precisamente, um dos nomes de Cristo. Cf. Fray Luis de León, De los Nombres de Cristo. (CARVALHO, Olavo. A Vocação da Inteligência. Em <<http://www.seminariodefilosofia.org/>>. Acesso em: 25 de Novembro 2009)

Carvalho (1989) mostra que é dever de todo homem cumprir a religião natural cuja é “descobrir e amar o Sentido na autoconsciência” e “constatar que o mesmo Sentido existe na autoconsciência alheia”, por isso enfatiza que a vida humana é sagrada e contextualiza a frase: “Ama a Deus sobre todas as coisas e ama a teu próximo como a ti mesmo”.

Em seguida, temos o conceito do dever de estado que, também universal, são papéis sociais desenvolvidos por indivíduos de acordo com seu local, idade, gênero, riqueza, profissão, etc. “Em suma, o dever de estado não é senão a especificação, a discriminação, a infundável subdivisão do amor de Deus e ao próximo na variedade indefinida das formas e modos de existência social e individual, coletiva e familiar, grupal e profissional, a assim por diante” (CARVALHO, 1989, p. 6).

Assim, respondo as perguntas feitas anteriormente sobre os atos do intelectual e sobre sua responsabilidade no corpo social. Por um lado a vida intelectual é um dever religioso porque o homem difere do animal por meio do pensar, possui a racionalidade enquanto mero dom de autoconsciência pensante e domina de certa forma a linguagem e a inteligência tornando assim todo homem de alguma maneira participante da vida intelectual.

Contudo, o raciocínio continua, isto é, existe uma forma de vida que é mínima em todas as culturas já estudadas, diferente das demais participa da inteligência culta e se “arma com o arsenal da cultura”.

A diferença entre o intelectual e os outros homens reside, sumariamente, em que os meios de cultura a que este recorre se



esgotam, se limitam ao nível daquilo que lhes é necessário, de um lado para cumprir o dever religioso e, de outro, para assegurar a sua subsistência material; ao passo que os meios de que se socorre o intelectual vão muito além disso. [...] Ora, o dever de estado é definido segundo as condições reais de existência do indivíduo. Destas condições, algumas são externas e casuais, como por exemplo, riqueza ou pobreza, grupo social de origem, saúde ou doença, talento inato ou debilidade, etc. Outras são internas e constitutivas, como por exemplo, o caráter e a vocação. Evidentemente a vida intelectual é um dever de estado de tipo vocacional, que não se define por condições externas nem somáticas. Um homem não toma a vida intelectual por ser gordo ou preto, varão ou fêmea, rico ou japonês, e sim porque tem, em grau maior ou menor, uma vocação, porque sente dentro de si uma apelo, uma urgência, um desejo, uma sede, e esta sede é que o faz, justamente, buscar algo mais do que o necessário para a subsistência material e para o cumprimento do dever religioso mínimo. (CARVALHO, 1989, p.7)

Se por um lado todo homem é um “intelectual” possuindo o dever religioso o filósofo considera a vida intelectual, a forma mínima de vida nas culturas e que se “*arma com o arsenal da cultura*”, um dever de estado de tipo vocacional e quem se considera possuidor desta vocação<sup>9</sup> “não tem o direito de pretender desfrutar das suas vantagens, quando não aceitam as obrigações que lhe são inerentes” (CARVALHO, 1989, p.12)

Por isso não se deve ater ao estudar por estudar ou para seguir carreira universitária e sim estudar com o objetivo de buscar respostas, respostas com importância existencial para sua formação de ser humano e não só de estudioso. “A formação da inteligência se dá em dois planos simultâneos: o propriamente intelectual, ou cognitivo, e o espiritual, ou inspiracional. O que

---

<sup>9</sup> Resumindo, vocação para Carvalho (1989, p. 8) significa apelo; chamado. Hoje, para a sociedade moderna com a comunicação de massa vocação muitas vezes é algo temporário, causado pela propaganda, por estímulos e impulsos, uma moda a seguir, existindo “uma multidão de chamados”. Isso tudo extrai do homem ou lhe ofusca um julgo melhor perante suas escolhas. Vocação também não é o que muitos acreditam também algo que venha de milagre ou de uma “eleição sobrenatural”. É algo natural, “*como o bicho sabe o que comer o homem sabe o que deseja fazer*”. É claro, Carvalho (1989) mostra um caminho para melhor encontrá-la cuja “inteligência, sustentada com base em sinais óbvios e patentes [...] e em seguida aceita pela vontade livre (isto é, baseada em valores e princípios universais e não numa intensidade emotiva qualquer), e reforçada, enfim, não pela auto-sugestão nem por qualquer tipo de estimulação emocional barata, e sim pela dedicação constante, humilde e silenciosa”. (CARVALHO, Olavo. A Vocação da Inteligência. Em <<http://www.seminariodefilosofia.org/>>. Acesso em: 25 de Novembro 2009)

“você sabe depende de quem você quer ser; o modelo do que você pode ser depende do que você sabe.” (CARVALHO, 1989, p. 7)

Aqueles, portanto, que desejariam o acesso à cultura como lazer, sem o reconhecimento de um dever de estado, entendam por favor, que pedir a um professor que se transforme voluntariamente em palhaço, tão só para acompanhar a moda do tempo, é realmente pedir demais. Que outros nos desprezem ou humilhem, nos denigrem ou nos persigam, ou expulsem os intelectuais verdadeiros de seus postos legítimos para trancafiá-los a ferro nos cárceres ou nos hospícios, ou para atirá-los à marginalidade e ao mais fundo porão da incapacidade social, é problema deles; aqueles que o fazem são responsáveis por suas ações, e cada qual arca somente com seus pecados, sem responder pelos de seus vizinhos. Mas que os próprios intelectuais se prestem voluntariamente e de bom grado a ser rebaixados a saltimbancos e travestis, para assegurar um reconhecimento social exterior à custa da perda de tudo quanto justifica perante Deus o seu trabalho, isto já é demais. (CARVALHO, 1989, p. 8)

Por que é que os homens desejam conhecer?

A partir da afirmação aristotélica que “todos os homens tem, por natureza, o desejo de conhecer” posta na apostila “A Vocação da Inteligência”<sup>10</sup> de Olavo de Carvalho, começo a construir uma linha de raciocínio para dar mais significado e objetividade ao trabalho. Se acima demonstrei o que compreendo de intelectual e sua função perante o conhecimento, a seguir adentro em suas características mais peculiares. Seguindo de acordo com a frase de Aristóteles, por se tratar de uma natureza ou essência, esta deve ser explicitada ou demonstrada.

“A natureza humana não se manifesta como nas pedras e nos bichos, que possuem, respectivamente, uma natureza por perseverança de seu estado e repetição da sua essência de sua animalidade, mas sim, antes, por um desejo como diz Aristóteles” (CARVALHO, 1989, p.1). Este desejo é o sinônimo, segundo o autor da apostila, da insatisfação, incompletude e da transitoriedade sendo o contrário mesmo de uma “natureza”, algo estável,

---

<sup>10</sup> Apostila do curso Introdução à Vida Intelectual, ministrado por Olavo de Carvalho no Instituto de Artes Liberais do Rio de Janeiro em 1989. Disponível em <<http://www.seminariodefiosofia.org/>>. Acesso em 25 de Novembro de 2010.

permanente num ser. Caindo em um paradoxo Carvalho (1989) cita um fato que podemos constatar por experiência para ser mais bem demonstrado:

Quando um homem perde o desejo de conhecer, quando ele simplesmente se deixa estar ao sabor das influências externas e dos impulsos cegos do seu organismo, ele não ganha nem a estabilidade da pedra nem a constância instintiva do animal, mas, ao contrario, se torna ainda mais instável, mais volúvel, mais insatisfeito, influenciável e errático. Ao invés de ganhar, ele perde, precisamente, a sua hominidade, aquilo que o define e constitui como homem... A insatisfação e o desejo, paradoxalmente, são a forma especificamente humana de perseverança e estabilidade. O animal persevera no ser enquanto repete o circuito de gestos que o instinto prescreve aos seres da sua espécie. A pedra persevera no ser enquanto nada vem a destruir as suas propriedades de pedra. Ao homem, esta vedada esta forma de perseverança passiva. O homem persevera no ser enquanto deseja conhecer e enquanto se esforça para atender a esse desejo. A natureza humana, ao contrario da natureza do animal e da pedra, é uma natureza dinâmica e tensional. Não é um estar passivamente numa condição, mas um querer, um mover-se de um estado a outro, um tender, com todas as forças, na direção de uma meta. Se a essência é aquilo que persevera, no homem a perseverança não é um fruto que pelo próprio peso cai da árvore da fatalidade e da rotina, mas um esforço, uma tensão que, justamente, se opõe à fatalidade e à rotina, e que toda fatalidade e a rotina do seu contorno natural e social o convidam incessantemente a abandonar, sem lograr jamais fazê-lo ceder totalmente. (CARVALHO, 1989, p.2)

Resumindo, a natureza humana, ao contrário da natureza do animal e da pedra, é uma natureza dinâmica e tensional. Apesar do contorno natural e social puxá-lo para a fatalidade e à rotina existe no homem uma tensão, um esforço em direção a uma meta, uma força oposta a essa fatalidade e rotina que as pedras e os bichos estão fadados.

Voltando à pergunta do tópico e entendido sobre o aspecto da natureza humana, o que incessantemente o homem faz é falar sempre buscando justificar-se em busca de uma certeza inabalável. O homem possui a capacidade do discurso coerente. Sendo um ser vivo racional dotado de linguagem é capaz de manter uma coerência entre suas várias afirmações fazendo com que esse discurso em movimento alcance o discurso perfeito, o

“*discurso total*”. “A razão<sup>11</sup>, a capacidade para o discurso coerente, é o conhecimento imperfeito que o homem possui, e que sua natureza mesma lhe impõe aperfeiçoar constantemente”. (CARVALHO, 1989, p. 2) O homem vive numa posição dupla e tensional, de um lado possui a capacidade do discurso coerente, estável, e sendo, por outro lado, um animal que vive na transitoriedade do mundo e da vida, por isso o aperfeiçoar da frase acima.

Para concluir, o explicado acima é de total importância ao trabalho pelo motivo de exibir algumas razões para trilhar esse caminho, ou seja, o que procuro é dar um significado real para esse modo de vida, por isso o não estudar por estudar e os deveres citados acima. O intelectual tem um papel considerável perante a sociedade, seus estudos e ele próprio. “Se você não é capaz de tirar de um livro consequências válidas para sua orientação moral no mundo, você não está pronto para ler esse livro”. (CARVALHO, Olavo. Pela restauração intelectual do Brasil. Diário do Comércio, 2006).

---

<sup>11</sup> O que Olavo (1989) entende por razão é que esta é preciso ser dotada pela base de amplitude e universalidade para dar conta da totalidade da vida: “A razão não é apenas a coerência entre uma frase e outra, mas a coerência total do pensado em face do vivido, a coerência total da representação com o ser”. (CARVALHO, 1989, p. 3)

## CAPÍTULO 2 – TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS

### Processo Cognitivo

Uma observação relevante que preciso esclarecer de antemão é o que entendo pela construção do conhecimento. O que compreendo sobre isso é o que Olavo de Carvalho explica da teoria aristotélica de conhecimento. Não busco nas obras de Aristóteles sua própria teoria, pois, “há uma perfeita homologia estrutural entre esta descrição aristotélica do processo cognitivo e a Teoria dos Quatro Discursos”. (CARVALHO, 1996, p.47) O livro de Olavo de Carvalho: “Aristóteles em Nova Perspectiva – Introdução à Teoria dos Quatro Discursos” mostra um caminho que progride na mesma proporção entre as duas teorias. Abaixo, Carvalho (1996) resume o processo cognitivo:

Para Aristóteles, o conhecimento começa pelos dados dos sentidos. Estes são transferidos à memória, imaginação ou fantasia, que os agrupa em imagens, *eikoi*, em latim *species, specie*), segundo suas semelhanças. É sobre estas imagens retidas e organizadas na fantasia, e não diretamente sobre os dados dos sentidos, que a inteligência exerce a triagem e reorganização com base nas quais criará os esquemas eidéticos, ou conceitos abstratos das espécies, com os quais poderá enfim construir os juízos e raciocínios. Dos sentidos ao raciocínio abstrato, há uma dupla ponte a ser atravessada: a fantasia e a chamada *simples apreensão*, que capta as noções isoladas. Não existe salto: sem a intermediação da fantasia e da simples apreensão, não se chega ao estrato superior da racionalidade científica. (CARVALHO, 1996, p. 46)

Até certo ponto na explicação acima, se fizermos uma comparação entre homem e bichos, estes últimos se assemelham a nós humanos, pois são também possuidores de sensações sensitivas, logo a diferença entre o homem e os bichos deve ser buscada em outro lugar. A diferença é achada na função da memória, o “homem é o animal que tem a memória mais rica e diferenciada, e por isto sabe mais que os outros animais”. (CARVALHO, 1996, p.63)

Para Aristóteles, a nossa memória não é um mero registro passivo e sim uma faculdade ativa, que combina, funde as imagens e cria novos padrões, ou seja, memória e imaginação é a mesma faculdade, denominada de “*fantasia*” esta torna real duas ações: combina ou repete as imagens.

A simples imagem retida na memória, que reproduz esquematicamente um ente ou um fato, Aristóteles denomina-a *fantasma* (sem conotações macabras). À medida que os fantasmas se acumulam na memória, esta passa a reagir criativamente, recombina essas imagens, esquematizando-as, selecionando-as e simplificando-as, de modo que uma multiplicidade de fantasmas parecidos uns com os outros pode se condensar numa imagem única. A imaginação organiza os conteúdos da memória, alinhando batalhões de fantasmas em imagens sintéticas, ou esquemas, que designam as coisas espécie por espécie, e não unidade por unidade. (CARVALHO, 1996, p.64)

Conclui-se que “é a imaginação que faz a ponte entre o conhecimento sensorial e o pensamento lógico” (CARVALHO, 1996, p.65). A memória resume e simplifica dados inumeráveis absorvidos pelos dados sensíveis, ela tem de fazer isso para que tenhamos o raciocínio lógico, pois este não opera direto sobre o percebido, age em cima da parte selecionada, nos esquemas e espécies.

Para os cinco sentidos, só existe o *aqui e agora*, o caso concreto, o dado imediato; para o pensamento, só existe o conceito, o geral, o esquema de esquemas, cada vez mais rarefeito e universal. Sem a mediação imaginativa, essas duas faculdades cognitivas estariam separadas por um abismo. O homem teria talvez sensações como um coelho; e talvez por dentro até pensasse alguma coisa, como um computador; mas não poderia pensar sobre o que sente *de fato*, isto é, raciocinar sobre a experiência vivida; nem poderia, de outro lado, orientar a experiência pelo raciocínio, buscando novos conhecimentos. Seria tão eficiente quanto um computador operado por um coelho, e tão vivo quanto um coelho desenhado na tela de um computador. (CARVALHO, 1996, p.66)

De acordo com Carvalho (1996) Aristóteles inventa o conceito de “*desenvolvimento orgânico*” e julgava que só se pode conhecer bem um ente ou fenômeno quando se estuda a sua gênese e o desenvolvimento progressivo das estruturas internas que o constituem. Ainda menciona que o mestre de Estagira descrevia de forma harmoniosa a origem e o desenvolvimento do aparato cognitivo tanto da perspectiva empirista quanto a racionalista se referindo cada qual a uma fase do processo cognitivo.

Portanto, da mesma maneira essa harmonia há de ter no *Organon*:

Do mesmo modo o *método* do conhecimento, o *Organon* ou instrumento metodológico que estrutura a atividade científica, deveria ser também uma unidade coesa, a expressão de um organismo em

evolução sem hiatos. Ele deveria abarcar todas as modalidades de conhecimento, do sensitivo ao racional, estabelecendo os elos e passagens de um a outro, bem como as conversões e retornos, de modo que víssemos as etapas desenvolvendo-se umas de dentro das outras, sem ruptura. (CARVALHO, 1996, p. 73)

Carvalho (1996) atinge o seguinte questionamento que, se o *Organon* devia ter uma “*lógica da imaginação*” antes mesmo da lógica, logo, a formação do sábio não deveria começar pela disciplina da imaginação?

## Teoria dos Quatro Discursos

Após explicações genéricas sobre a vida intelectual e a construção do conhecimento dou início ao capítulo central do trabalho. Esta parte tem como base o livro citado acima: “Aristóteles em Nova Perspectiva – Introdução à Teoria dos Quatro Discursos” de Olavo de Carvalho. O primeiro capítulo deste trabalho foi escrito antes com a intenção de dispor ao leitor um maior significado de estudo para fazer que o texto a seguir tenha um maior sentido nesse significado, pois com as questões absorvidas de responsabilidade perante o estudo, vocação e interesse real criam-se um maior propósito intelectual. Para essa jornada Olavo de Carvalho nos deixou um legado, uma orientação que considero básica no requisito de estudo, um ponto de referência de como absorver melhor suas leituras e estudos.

A obra aristotélica contém uma idéia central, uma idéia que Olavo (1996, p.22) revela de Teoria dos Quatro Discursos, ou seja, na filosofia de Aristóteles, a Poética, a Retórica, a Dialética e a Lógica (Analítica), fundadas em princípios comuns, formam uma ciência única.

Pode ser resumida<sup>12</sup> em uma frase: o discurso humano é uma potência única, que se atualiza de quatro maneiras diversas: a

---

<sup>12</sup> Segundo Carvalho (1996, p.26) essa idéia escapou a percepção de quase todos estudiosos de Aristóteles e que somente ele e mais dois a perceberam. “[...] Esses dois foram Avicena e Sto. Tomás de Aquino. Avicena [...] afirma taxativamente [...] a unidade das quatro ciências, sob o conceito geral de “lógica”. [...] Sto. Tomás de Aquino menciona também[...] os quatro graus da lógica, dos quais, provavelmente tomou conhecimento através de Avicena, mas atribuindo-lhes o sentido unilateral de uma hierarquia descendente que vai do mais certo (analítico) ao mais incerto (poético) e dando a entender que, da Tópica “para baixo”, estamos lidando apenas com progressivas formas do erro ou pelo menos do conhecimento

poética, a retórica, a dialética e a analítica (lógica). Dita assim, a idéia não parece muito notável. Mas, se nos ocorre que os nomes dessas quatro modalidades de discurso são também nomes de quatro ciências, vemos que segundo essa perspectiva a Poética, a Retórica, a Dialética e a Lógica, estudando modalidades de uma potência única, constituem também variantes de uma ciência única. (CARVALHO, 1996, p.26)

Segundo Carvalho (1996, p.28) as quatro ciências são subordinadas a princípios comuns pelo fato de “*assentar-se na razão da unidade do objeto que enfocam*”, ou seja, podem ser aplicadas por igual desde em uma demonstração científica à construção do enredo trágico nas peças.<sup>13</sup>

Através do discurso, da palavra, o homem pode influenciar sua própria mente e de outrem. Esse discurso se compõe de quatro modalidades, quatro maneiras peculiares com suas respectivas ciências. Cada modo possui um nível de credibilidade, crédito que nós ou outras pessoas damos que vai do possível ao verossímil. De acordo com o que Carvalho (1996, p.39) demonstra, fiz, de forma vaga, uma exposição de cada modo de discurso, um esquema resumido que no decorrer será mais bem verificado:

- a. O discurso poético: Possibilidade.
- b. O discurso retórico: Verossimilhança.
- c. O discurso dialético: Probabilidade razoável.
- d. O discurso lógico ou analítico: Certeza apodíctica.

---

*deficiente[...]”* (CARVALHO, Olavo. 1996, p. 27) Através desta anedota chego a uma reflexão onde respondo a pergunta: Por que não buscar direto da fonte aristotélica? Pela simples resposta de que não possuo intelecto e formação suficiente para fazer tal análise da estrutura da obra aristotélica. Se Olavo de Carvalho, como dito acima, já explicita que essa idéia escapou à maioria dos grandes filósofos, seria prepotência minha achar que conseguiria tal feito.

<sup>13</sup> O autor do livro defende que “*como ciências do discurso, a Poética e a Retórica fazem parte do Organon, conjunto das obras lógicas ou introdutórias, e não são portanto nem teóricas nem práticas nem técnicas*”(Carvalho. 1996 p.38) Isto implica “*uma profunda revisão das idéias tradicionais e correntes sobre a ciência aristotélica do discurso*”. O autor faz um levantamento do *status questionis* desse ponto, por isso, para melhor entendimento do referido assunto aconselho a leitura plena do livro porque foco meu trabalho somente na idéia principal da teoria.



O discurso poético entra no campo da possibilidade, “*versa sobre o possível*”. O discurso retórico dentro de um quadro de crenças admitidas produz uma decisão mostrando qual é mais adequada, tem “*por meta a produção de uma crença firme*”, mas apenas uma crença. O discurso dialético submete as crenças à prova, num processo de ir e vir entre erro e verdade busca a “*probabilidade maior ou menor de uma crença ou tese*” com uma superioridade de razão e informação acurada. E para finalizar, o discurso lógico ou analítico já parte de premissas evidentes e “*pelo encadeamento silogístico chega à demonstração certa da veracidade das conclusões*”. (CARVALHO, 1996, p. 38)

Como se observa há uma escala de credibilidade crescente de um discurso a outro. Segundo Carvalho (1996) as ciências podem estar em graus diferentes, mas compartilham a mesma natureza.

*Possibilidade, verossimilhança, probabilidade razoável e certeza apodíctica* são, pois, os conceitos-chave sobre os quais se erguem as quatro ciências respectivas: a Poética estuda os meios pelos quais o discurso poético abre à imaginação o reino do possível; a Retórica, os meios pelos quais o discurso retórico induz a vontade do ouvinte a admitir uma crença; a Dialética, aqueles pelos quais o discurso dialético averigua a razoabilidade das crenças admitidas, e, finalmente, a Lógica ou Analítica estuda os meios da demonstração apodíctica, ou certeza científica. (CARVALHO, 1996, p.41)

*Outra característica é a relação entre discursos, não se isola um discurso do outro*<sup>14</sup>. “Um discurso é lógico ou dialético, poético ou retórico, não em si mesmo e por sua mera estrutura interna, mas pelo objetivo a que tende

---

<sup>14</sup> “Todas as tentativas de isolar e definir por seus caracteres intrínsecos uma “linguagem poética”, diferenciando-a materialmente da “linguagem lógica” e da “linguagem cotidiana” fracassaram redondamente. V., a respeito, Mary Louise Pratt, *Toward a Speech Act Theory of Literary Discourse*, Bloomington, Indiana University Press, 1977. 2º) De outro lado, desde Kurt Gödel é geralmente reconhecida a impossibilidade de extirpar do pensamento lógico todo resíduo intuitivo. 3º) Os estudos de Chaim Perelman (*Traité de l'Argumentation. La Nouvelle Rhétorique*, Bruxelles, Université Libre, 1978), Thomas S. Kuhn (*The Structure of Scientific Revolutions*) e Paul Feyerabend (*cit.*) mostram, convergentemente, a impossibilidade de erradicar da prova científico-analítica todo elemento dialético e mesmo retórico. 4º) Ao mesmo tempo, a existência de algo mais que um mero paralelismo entre princípios estéticos (vale dizer, poéticos, em sentido lato) e lógico-dialéticos na cosmovisão medieval é fortemente enfatizada por Erwin Panofsky (*Architecture Gothique et Pensée Scolastique*, trad. Pierre Bourdieu, Paris, Éditions de Minuit, 1967). Esses fatos e muitos outros no mesmo sentido indicam mais que a conveniência, a urgência do estudo integrado dos quatro discursos”. (CARVALHO, 1996, p. 42)

em seu conjunto, pelo propósito humano que visa a realizar”. (CARVALHO, 1996, p.41), ou seja, para melhor definir as ciências é necessário um olhar contextualizado para as quatro atitudes humanas ante o discurso e para os quatro motivos para falar e ouvir, as ciências são “distinguíveis, mas não isoláveis: cada um deles só é o que é quando considerado no contexto da cultura, como expressão de intuítos humanos [...] Formam o mapeamento completo das comunicações entre os homens civilizados, a esfera do saber racional possível” (CARVALHO, 1996, p. 42-46) Por exemplo, se observarmos as crenças do senso comum com essa ótica, o admissível irá diminuir a cada escala. “Dispostas em círculos concêntricos [...] a esfera própria de cada uma das quatro ciências é portanto delimitada pela contiguidade da antecedente e da subsequente”. (CARVALHO, 1996, p. 46)

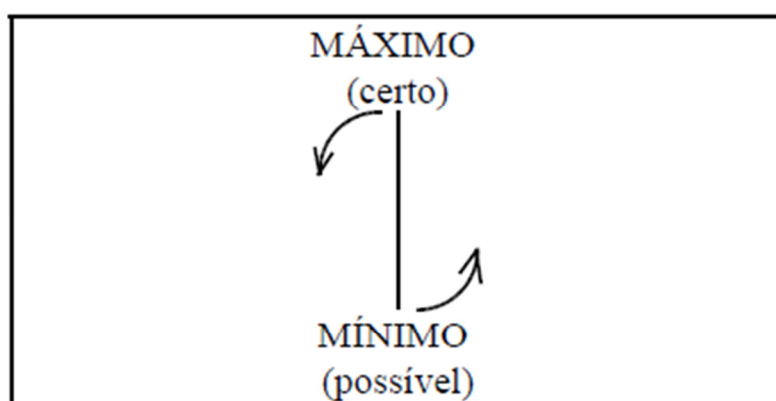
Quando Carvalho (1996) explica as relações de credibilidade dos discursos esclarece que há uma diferença entre uma escala de veracidade e outra de credibilidade, isso delimita os discursos, ou seja, na escala do verdadeiro seu oposto seria o falso, porém na escala de crédito a algo seu oposto não pode ser o falso, mas deve possuir o mínimo de credibilidade. Não se pode tomar algo determinado de falso como premissa de algo, suas premissas menores estarão condenadas. “Dizer que algo é falso equivale a rejeitá-lo como premissa, e portanto a rejeitar sua consequências, isto é, rejeitar o discurso”. (CARVALHO, 1996, p. 89)

Exceto no caso da demonstração lógica *ad absurdum*, nos tira do campo da tipologia dos discursos. Na demonstração *ad absurdum*, por seu lado, o reconhecidamente falso é hipoteticamente admitido como verdadeiro, justamente para demonstrar que leva a conclusões absurdas; portanto, mesmo neste caso a credibilidade da premissa é que fundamenta a possibilidade do discurso. Assim, o minimamente crível — pólo inferior da nossa escala — não corresponde ao falso, porque o falso não é minimamente crível; é *incrível*, portanto está fora e abaixo da escala de credibilidade. Se o grau máximo cabe ao absolutamente verdadeiro, o grau mínimo corresponde ao *minimamente* verdadeiro, isto é, ao *meramente possível*. (CARVALHO, 1996, p. 89)

Não podendo tomar premissas impossíveis o discurso humano sempre tem um objetivo real, sempre intencionado a algo, um “*fator real empírico*”. “Este fator empírico é, simplesmente, o desejo de uma certeza máxima ou a

inconveniência de contentar-se com uma certeza mínima; contudo [...] a certeza máxima nem sempre é possível, e a certeza mínima nem sempre basta para os fins desejados”. (CARVALHO, 1996, p. 92)

Carvalho (1996) chega a uma ilustração<sup>15</sup> ao qual demonstra toda tensão que uma decisão real humana pode causar perante uma situação, “de um lado, o discurso que tende a uma certeza máxima mas não pode obtê-la, e o discurso que, sem necessitar de uma certeza máxima, nem tender a ela, pode obter algo mais do que uma certeza mínima”. (CARVALHO, 1996, p. 93)



Resumindo, nunca se parte de algo falso, pois assim não haveria discurso, logo, o grau de credibilidade é tensional do mínimo possível ao máximo certo. “Eis aí os quatro tipos de premissas que os discursos podem tomar como pontos de partida, e também os graus de credibilidade a que podem aspirar em suas conclusões”. (CARVALHO, 1996, p.94)

Dos Quatro Discursos, como se observa, uma maior atenção será dada ao Discurso Poético, primeiro, pelo fato do recorte devido que tenho de fazer para o trabalho, segundo, para mostrar a importância do discurso poético na formação inicial de uma pessoa e terceiro, que será mostrado no próximo capítulo, qual o papel dos clássicos literários perante esse discurso e o significado real à leitura destes.

---

<sup>15</sup> (CARVALHO, Olavo. Aristóteles em Nova Perspectiva. 1996, p.93)

Carvalho (1996, p. 74) havia questionado: se o *Organon, a teoria geral das ciências*, devia ter uma “*lógica da imaginação*” antes mesmo da lógica, logo, a formação do sábio não deveria começar pela disciplina da imaginação?

A resposta desta pergunta traz o propósito maior do meu trabalho, ou seja, sendo a poética a ponte que Olavo de Carvalho descreve, ela é a chave para desenvolver um processo de estudo. Tendo em minha mente o “como” e “o que ler”, que será abordado no capítulo seguinte, falta uma seqüência para a leitura, uma orientação para isso.

Sabendo da importância da disciplina da poética para a formação intelectual e o que Carvalho entende sobre discurso poético, ou seja:

O discurso *poético* parte do gosto ou dos hábitos mentais e imaginativos do público e, jogando com as possibilidades que aí se encontrem, procura criar uma aparência, um simulacro, levando o público a aceitar provisoriamente como verdadeiro, por livre consentimento, algo que se admitiu de antemão ser apenas uma ficção ou uma convenção. (CARVALHO, 1996, p. 95)

Olavo de Carvalho, basicamente, gera um fundamento para a importância da leitura poética na formação do indivíduo. Contudo, alcanço tais pontos para ser examinados: como seria esta disciplina da imaginação? Como criar esses arquétipos em nossas mentes? E qual o objetivo de tudo isso? Primeiramente, respondo a última pergunta para melhor entendimento. A base da minha resposta será averiguada em Aristóteles e o que esse mestre entendia sobre maturidade intelectual, isto é, a formação de um *Spoudaios*.

*Spoudaios*<sup>16</sup>

*Spoudaios* é um termo aristotélico para designar um homem intelectualmente maduro, ou seja, um indivíduo com experiência o suficiente para não se deixar levar pelas paixões juvenis, que perante o agir em situações reais pondera entre extremos absolutos que esta situação proporciona, “um indivíduo que passa da contemplação à ação numa atitude dialética, de

---

<sup>16</sup> De acordo com Carvalho (2007) significa Homem magnânimo; maduro.

confronto consigo mesmo, para então encontrar a verdade que está além dos opostos”. (CORDEIRO, José Nivaldo. 2002. O Desafio do Mito Brasileiro)

Carvalho (2007) descreve com exatidão a concepção aristotélica:

O que o caracteriza é o domínio balanceado da razão sobre os vários impulsos discordantes que se agitam na sua alma. O equilíbrio tensional dos contrários, estabilizado na forma dinâmica de uma imagem pessoal que é a mesma para fora e para dentro – eis o ser humano visto na plenitude da sua perfeição terrestre, que uma vez alcançada o abre para a contemplação do transcendente e do eterno. (CARVALHO, Olavo. Ciência ou Palhaçada? *Diário do Comércio*. 2007)

Segundo, Carvalho (2007) explica que o *Spoudaios* aristotélico é a pessoa que tornou sua alma dócil à razão, que se capacita através da aceitação habitual da realidade para orientar sua comunidade para o bem e afirma que “ninguém pode guiar a comunidade no caminho do bem antes de tornar-se maduro no sentido de Aristóteles”. (CARVALHO, 2007. Ciência ou Palhaçada?) Um exemplo de quem não segue tal caminho é dado aos líderes revolucionários, ou seja, “intelectuais ativistas são apenas homens imaturos que projetam sobre a comunidade seus desejos subjetivos, seus temores e suas ilusões pueris, produzindo o mal com o nome de bem.” (CARVALHO, 2007. Jesus e Pomba de Stalin. *O Globo*)

Isto tudo pode ser mais bem exposto pelo mestre de Estagira:

Cada homem julga corretamente os assuntos que conhece, e é um bom juiz de tais assuntos. Assim, o homem instruído a respeito de um assunto é um bom juiz em relação ao mesmo, e o homem que recebeu uma instrução global é um bom juiz em geral. Conseqüentemente, um homem ainda jovem não é a pessoa própria para ouvir aulas de ciência política<sup>17</sup>, pois ele é inexperiente quanto aos fatos da vida e as discussões referentes à ciência política partem destes fatos e giram em torno deles; além disto, como os jovens tendem a deixar-se levar por suas paixões, seus estudos serão vão e sem proveito, já que o fim almejado não é o conhecimento, mas ação. Não fará qualquer diferença o fato de a pessoa ser jovem na idade ou no caráter; a deficiência não é uma questão de tempo, mas depende da vida que a pessoa leva, e da circunstância de ela deixar-

---

<sup>17</sup> Essas aulas se referem às reflexões sobre a conduta humana perante situações reais, o que Olavo de Carvalho a seguir engloba nas ciências práticas de Aristóteles: “As ciências práticas dizem respeito à ação humana, ou mais genericamente, à conduta humana, que Aristóteles dividia em duas partes: conduta do indivíduo enquanto tal e a conduta dele enquanto membro de uma sociedade em particular. A distinção entre a ética (ou moral) e a política”. (CARVALHO, 1994. Pensamento e Atualidade de Aristóteles)

se levar pelas paixões perseguindo cada objetivo que se lhe apresenta. Para tais pessoas o conhecimento não é proveitoso, tal como acontece com as pessoas incontinentes; mas para quem deseja e age segundo a razão o conhecimento de tais assuntos é altamente útil. (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômacos*, p. 19)

Reavendo o raciocínio, para responder as questões feitas anterior ao tópico acima é feita a junção da Teoria dos Quatro Discursos, principalmente o poético, e o que Aristóteles entende sobre maturidade intelectual, ou melhor, Olavo de Carvalho revela uma ferramenta que ajuda a contemplação ou análise do discurso, uma poderosa arma para seu arsenal que além de lhe dar a possibilidade de caracterizar e esmiuçar sua leitura para melhor absorção nos dá a possibilidade de refletir sobre uma seqüência de leitura, isto é, o começo de um estudo seria dado pela poética. A razão de tal seqüência não é somente pela distinção dos discursos e sua progressiva credibilidade, mas, principalmente, pelo conceito aristotélico de *spoldaius*.

A ponte que faço entre esses dois mestres é que para ser um “*homem maduro*” necessito de experiência real dos fatos, conceitos, evidências, discussões, tensões humanas, etc. que a vida me proporciona ou que os grandes sábios transmitem. Porém, é impossível uma pessoa ter experiência real de tudo, não que o conceito aristotélico queira abarcar todas as experiências, porém, o mínimo possível para ser um “*homem magnânimo*”, logo, como alcançar o *spoldaius* que tanto Aristóteles remetia? Através da poética que os clássicos literários nos transmitem. É através desta que podemos criar em nossas mentes o mundo do possível, criar referências de arquétipos, observamos como os grandes pensadores e seus personagens literários passaram em devidas situações, em devidas tensões, discussões, reais ou criadas. Situações possíveis de se suceder no nosso tempo e espaço em escalas individuais ou de maiores repercussões. Os clássicos literários têm o poder de gerar na mente humana um simulacro de experiência real, uma possibilidade de ações e reações humanas. Carvalho (1996) discorre:

A credibilidade, no discurso poético, assume portanto a forma de uma participação consentida numa vivência contemplativa proposta pelo poeta. Tem credibilidade pela sua magia: faz o ouvinte “participar” de um mundo de percepções evocações, sentimentos. (p. 97-98)

Concluindo, com a consciência de que a formação do sábio deve começar pela disciplina da imaginação e sabendo de onde tirar o conteúdo dessa disciplina, a seguir explico “como” tirar e “o que” tirar.

### CAPÍTULO 3 – A ARTE DE LER

O capítulo a seguir será baseado na obra de Mortimer Jerome Adler, homem que dedicou à vida em prol da arte da leitura e do estudo. Com a colaboração de Charles Van Doren, sintetizaram em um livro “A Arte de Ler” um feito para alcançar maior critério e apreciação perante os legados literários.

Retiro da obra de Adler o que mais interessa para o devido trabalho, isto é, como analisar um livro e classificá-lo a um esquema de leitura para cada tipo de livro, além dos níveis de leitura e explicações acerca da grande conversação. Por conseguinte, mostrarei a ligação entre a obra de Olavo de Carvalho e o *Spoudaios* aristotélico.

Adler (1902) pressupõe que seu público são pessoas inteligentes habituadas a buscar na palavra escrita um maior acréscimo de conhecimento. Noções básicas de vivência da vida concreta, em sua maioria, a humanidade aprende por observação, experiência e necessidade, todavia, para se adquirir o conhecimento especulativo, a maneira mais poderosa, com certeza, é através da leitura. Inicia seu livro “A Arte de Ler” da seguinte forma:

É este um livro para leitores e para aqueles que desejam tornar-se leitores. Particularmente para leitores de livros. E ainda mais particularmente para aqueles cuja principal finalidade ao ler livros é alcançar maior discernimento [...] É evidente; mesmo na época anterior ao rádio e à televisão, adquiria-se uma certa quantidade de informações e conhecimento através da palavra falada e da observação. Mas para os inteligentes e curiosos isso nunca foi suficiente. Eles sabiam que deviam ler também, e liam. (ADLER, 1902. p. 17)

Um caso aparte é o que isso faz pensar: Atualmente existe o imaginário imposto pela mídia, Silvia (2001) afirma que devemos se contrapor a esse imaginário porque a cultura audiovisual é inculta e o dever da escola é rechaçá-la não imitá-la. Adler (1902) questiona se com os modernos meios de

comunicação a nossa compreensão de mundo aumentou e logo responde que “muitas vezes o excesso de fatos representa para o entendimento um obstáculo tão árduo quanto a escassez deles. Em certo sentido, nós modernos estamos abarrotados de fatos em prejuízo do entendimento.” (ADLER, 1902, p. 18)

Por mais que determinadas leituras de diferentes formas sejam incultas ou cultas, são todas ativas, pois não há leitura totalmente passiva. Para Adler (1902) a diferença é que certas leituras exigem maior labor e outras menos. Receber uma informação não é como receber uma sentença do tribunal, este compara a leitura como pegar uma bola de beisebol, receber a bola é tanto importante como arremessá-la, o arremessador (o escritor) arremessa a bola (o escrito) para o receptor (o leitor). Este último dá fim ao movimento, a única coisa passiva nessa ação é a bola. “Da mesma forma, a arte de ler é a habilidade de captar toda espécie de comunicação da melhor maneira possível”. (ADLER, 1902, p. 19)

O que diferencia uma leitura de outra é o objetivo que tem o leitor perante a escrita. É o que Adler (1902) chama de “*metas de leituras*”, uma visa à informação e outra o entendimento. A primeira é dada pelo exemplo de leitura de jornais, revistas ou algo que nos é compreendido. A segunda meta é algo lido que ainda não nos é entendido, ou pelo menos não por completo. O que o autor do livro quer nos ensinar é que na segunda meta de leitura necessitamos de uma subida de patamar, alcançar o que nos não tínhamos. Isto tudo a primeira meta não nos dá, pois já estamos em seu patamar de compreensão por isso não exige muito de nosso intelecto.

Outra questão importante é o que Mortimer Adler entende de livro, ou seja, quando cursamos uma escola, uma faculdade, temos um professor de carne e osso presente e aprendemos ouvindo. Porém, no tempo que não frequentamos mais um espaço que nos forneça auxílio intelectual resta o livro, um “*professor ausente*”. E se ainda desejarmos subir de patamar de entendimento, “temos de saber como fazer que os livros nos ensinem bem” (ADLER, 1902, p. 28)

Isso de os livros nos ensinarem bem será mais bem esclarecido nas sistematizações de níveis de leitura a seguir:



## Os Níveis de Leitura

De forma resumida, há quatro níveis de leitura e dependendo da meta que o leitor faz uso determina cada nível. De acordo com Adler (1902) o primeiro nível é a Leitura Elementar, ou seja, uma leitura inicial. Seria a passagem do estado de analfabeto para alfabetizado, quando reconhece as palavras na página. “Neste nível de leitura, a pergunta que se impõe ao leitor é: Que diz a frase?” (ADLER, 1902, p. 30)

O próximo nível é a Leitura Inspeccional: folheio sistemático do livro. Adler (1902) cita perguntas estratégicas que devemos ser capacitados a responder neste nível: “*de que se trata o livro?*”; “*qual é a estrutura do livro?*”; “*quais são suas partes?*”; “*que tipo de livro é?*”.

O terceiro nível se chama Leitura Analítica a qual visa sempre de forma ativa o entendimento e depende da complexidade do texto exige mais ou menos do leitor. Por fim, o quarto tipo de leitura é a Leitura Sintópica, de acordo com Adler (1902) a mais laboriosa e ativa forma de leitura, onde não se limita a um livro em particular e sim vários para onde o leitor pode “construir uma análise do assunto que talvez não esteja em nenhum dos livros”. (ADLER, 1902. p. 32)

Dentro dos níveis de leitura irei focar ao terceiro nível de leitura – Leitura Analítica. Faço isto por seguintes razões, pelo fato da leitura dos clássicos caracterizados pelos discursos poéticos serem de melhores proveitos estudados em algumas características esquematizadas por Mortimer Adler dentro dessa modalidade. Outra razão é de não precisar, necessariamente, do último nível de leitura – Leitura Sintópica. Se utilizando do terceiro nível, ainda assim, não se pode renunciar às duas primeiras – Leitura Elementar e Leitura Inspeccional, segundo Adler (1902) é próprio dos níveis que os mais altos incluam os mais baixos.

Abaixo há um esquema dos tópicos em que Adler (1902) sistematiza a discussão feita em seu livro sobre a leitura Analítica. Apontarei apenas alguns tópicos de todos citados por achar mais cabível no recorte do meu trabalho, tópicos em que mais adiante serão mais bem explicados para a ajuda do entendimento dos livros.

## Leitura Analítica

### I. A Primeira Etapa da Leitura Analítica:

#### Regras para Descobrir de que Trata um Livro

1. Classifique o livro de acordo com o tipo e o assunto. (Livro prático ou teórico).
2. Defina o problema ou os problemas que o autor tentou resolver. (Unidade do livro)

### II. A Segunda Etapa da Leitura Analítica:

#### Regras para Interpretar o Conteúdo de um Livro

1. Conheça os argumentos do autor, descobrindo-os nas sequências dos períodos ou construindo-os à base dessas sequências.
2. Determine quais os problemas que o autor resolveu e quais os que não resolveu.

“É preciso saber que tipo de livro você está lendo, e sabê-lo o mais cedo possível, de preferência antes de começar a ler”. (ADLER, 1902, p. 68) Classificar o livro de acordo com o assunto é importante porque, geralmente, isto acontece com o primeiro contato com o livro, logo deve ser de forma inteligente. Outra questão que pode ser vista num pré-exame é a diferença entre livros práticos e livros teóricos. “Os livros teóricos nos ensinam que determinada coisa é assim ou assado. Os livros práticos nos ensinam como fazer aquilo que desejamos fazer ou julgamos que devemos fazer.” (ADLER, 1902, p. 73) Ações não muitos necessárias para o entendimento do livro, pois são antes mesmo da leitura, porém, de muito ajuda para sua organização real e imaginária dos seus estudos.

Depois de lido o livro, um exercício de muita importância é esclarecer a unidade do livro ou contar em poucas palavras a história passada. Isto remete à diferença entre informado e esclarecido, de recordar e explicar. “Estar

informado é saber simplesmente que uma coisa é assim ou assado. Estar esclarecido é saber, além disso, do que se trata [...] diferenças entre ser capaz de recordar uma coisa e ser capaz de explicá-la”. (ADLER, 1902, p.24)

Aristóteles (1959, citado por ADLER, 1902, p. 84) nos dá um exemplo de enunciar a unidade de um livro. Aristóteles enuncia a história do livro “Odisséia, de Homero”. Demonstra como resumir uma história em poucas palavras ligando as partes sem perder sentido:

Um homem afastado de sua pátria pelo espaço de longos anos vigiado de perto por Poseidon acaba por se encontrar sozinho; sucede, além disso, que em sua casa os bens vão sendo consumidos por pretendentes que ainda por cima armam ciladas ao filho; depois de açoitado por muitas tempestades, regressa ao lar, dá-se a conhecer a algumas pessoas, ataca e mata os adversários e assim consegue salvar-se. (ARISTÓTELES, Arte Retórica e arte poética, tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1959, p.305).

Adler (1902) afirma que se não é capaz de descrever com detalhes o livro lido é porque não o entendeu. Só o fato de você expor o que leu, sendo os argumentos, os problemas a resolver, história transmitida ou o que quer que seja vindo do escritor já lhe mostra que seu entendimento aumentou, desde a organização temporal e espacial em sua mente do acontecido no livro até a confrontação entre o escrito e a realidade do leitor. Isto são exemplos de exercícios para qualquer tipo de livro, o básico para possuir o entendimento do que o escritor deixou para a compreensão.

A seguir tornarei mais estreito o caminho, partindo para a literatura imaginativa, ou seja, um tipo de leitura onde o reino da poética predomina.

## Ficção

Se já sabemos como tratar de maneira inicial qualquer tipo de livro, agora foco o trabalho no tipo de livro ficcional. Antes de tudo, quero demonstrar genericamente a diferença entre literatura imaginativa e expositiva. A primeira seria o que chamamos de ficção, transmitida através de prosa narrativa, teatro, verso, etc. e a segunda entraria no campo dos fatos reais, a filosofia, história, etc. “Os livros expositivos tentam transmitir conhecimento [...] Os livros de ficção tentam comunicar uma experiência”. (ADLER, 1902, p. 1997)

O que mais interessa para o devido trabalho é a ficção imaginativa. Isso pelo motivo de conter esta modalidade o conteúdo, pelo menos a maioria dele, de tal disciplina que Olavo de Carvalho nos questionou. Melhor explicando, se retomarmos um pouco o raciocínio, como foi dito antes, a imaginação é a ponte para o conhecimento do real, logo, a formação de um homem maduro aristotélico deveria começar pela disciplina da imaginação. Adler (1902) reforça a conjuntura que quero obter com o raciocínio, onde afirma que “a ficção apela, sobretudo para a imaginação. É essa uma das razões para chamá-la de literatura imaginativa ou de ficção”. (ADLER, 1902, p. 198)

Abaixo a citação onde completa a reflexão sobre o *Spoudaios* aristotélico, quando demonstrei que, com os arquétipos dos personagens e situações vividas que os livros de ficção transmitem, o leitor consegue uma maior experiência para a ação no seu real, uma gama de possibilidades para determinada maneira de agir.

Aprendemos por experiência – a experiência que adquirimos no dia-a-dia. Assim também, podemos aprender através de experiências vicárias, ou criadas artisticamente, que a ficção produz em nossa imaginação. Nesse sentido, poemas e narrativas não só causam prazer como ensinam. (ADLER, 1902, p. 199)

A obra Adleriana ainda nos mostra como agir perante esta modalidade. De maneira vaga, mostrarei os aspectos mais importantes a tomar diante da ficção.

“Primordialmente a ficção antes deleita que ensina. É muito mais fácil deleitar-se que aprender, mas muito mais difícil saber o porquê do deleite. A beleza é mais difícil de analisar do que a verdade.” (ADLER, 1902, p. 197)

Antes de qualquer coisa, essa citação acima traz para uma discussão sobre estética, assunto que tentarei fugir ao máximo, pois não será necessário ao objetivo do trabalho. Porém, Adler (1902) retoma discussão quando aborda o tema sobre como criticar uma obra de ficção. Isso é importante para o trabalho porque toca na explicação de como ler esse modo. Por exemplo:

Em outras palavras, devemos lembrar o fato óbvio de que não concordamos nem discordamos da ficção. Ou gostamos dela ou não gostamos. [...] quando criticamos as belas-letas, como a própria palavra sugere, consideramos principalmente sua beleza. A beleza de

qualquer obra de arte se relaciona com o prazer que sentimos quando a conhecemos bem. [...] quanto melhor puder discernir reflexivamente as causas do seu prazer de ler ficção ou poesia, mais perto chegará de conhecer as virtudes artísticas da própria obra literária. Assim, pouco a pouco desenvolverá um padrão de crítica. [...] o bom gosto em literatura quem o adquirir é quem aprende a ler. (ADLER, 1902, p. 205-206)

Resumindo, é o que Olavo de Carvalho chama de “*sonho acordado dirigido*”. Quando entra na leitura de ficção, como um sonho você se deixa levar pela história onde tudo é possível, não a olha de forma rigorosa, se não você acorda.

Quando você lê um romance ou peça de teatro, não tem como julgar a verossimilhança das situações e dos caracteres se antes não deixar que a trama o impressione e seja revivida interiormente como um sonho. Ficção é isso: um sonho acordado dirigido. Como os personagens não existem fisicamente (mesmo que porventura tenham existido historicamente no passado), você só pode encontrá-los na sua própria alma, como símbolos de possibilidades humanas que estão em você como estão em todo mundo. (CARVALHO, 2008. Como Ler a Bíblia. *Jornal do Brasil*).

Adler (1902) vai mais fundo e ainda mostra sugestões diferenciadas para a leitura de ficção narrativa, peças e poemas. Coisas para um estudo minucioso, contudo, para melhor aproveitamento do tempo e para não fugir do foco passo a falar agora da “*Grande Conversação*”. Este termo de Adler seria o que os grandes pensadores deixaram de herança sobre determinado assunto. Não uma mera opinião, mas algo que tão edificante que sobrevive ao tempo.

Existem certas opiniões que resistem ao teste do tempo; passam-se anos, séculos, e até milênios, e elas continuam sendo relevantes nas discussões da atualidade. É este conjunto de opiniões que paira acima dos debates culturais de cada época que Adler chama de “grande conversação”. A grande conversação ao mesmo tempo é tanto o alimento como o produto das grandes mentes da história. Estas opiniões persistem ao longo das épocas porque são justamente as mais valiosas que cada tempo produziu; e, por serem as mais valiosas, são elas justamente que serão consideradas pelas grandes mentes de cada época. (MAFALDO, Lucas. 2007. O que é Educação Liberal?)

Carvalho (2001) comenta que a “*Grande Conversação*” seria um requisito básico para todo homem comum na época de Mortimer Adler, por isso que “um clássico, no sentido de Adler, não é sempre uma obra de literatura: entre os clássicos há livros sobre eletricidade e fisiologia animal [...] clássico não é um livro para especialistas. É um livro que deu origem aos termos,

conceitos e valores que usamos na vida diária e nos debates públicos.” (CARVALHO, Olavo. Benfeitor ignorado, 2001)

Chegamos à seguinte questão: quais livros trazem essa bagagem cultural, essa conversa? No livro “A Arte de Ler” existe um apêndice de uma lista de livros recomendados<sup>18</sup>. São esses livros que “alargam a inteligência [...] tipo de livro que você deve procurar se quiser melhorar sua capacidade de ler e ao mesmo tempo descobrir o que de melhor se pensou e escreveu em nossa tradição literária”. (ADLER, 1902. p. 322)

Como se observa no anexo, a lista está em ordem cronológica, isso para Mortimer Adler é irrelevante: “o importante é ter em mente que a lista toda avança pelo tempo afora.” (ADLER, 1902, p. 325). Como o autor da lista diz, são livros de todos os tipos de leitura, porém, para o meu trabalho só os de ficção imaginativa são relevantes<sup>19</sup>.

Supondo que a lista estaria de acordo com teoria dos Quatro Discursos de Olavo de Carvalho deveria estar primeiros os de ficção, o que nos interessa, e assim subindo de nível para cada discurso, criando, talvez, uma pirâmide de credibilidade.

Contudo, o mais importante que seria de levantar a hipótese entre a confluência dos sábios está conclusa. Sintetizando, a teoria dos quatro discursos de Olavo de Carvalho demonstra a importância do poético na construção do conhecimento humano. Aristóteles nos dá o objetivo a alcançar do trabalho todo: o *Spoudaios*. E Adler nos mostra como se adquirir determinado alcance, ou seja, nos dá uma lista de livros e indica aonde achar nesta lista os conteúdos para formar tal conceito de homem aristotélico.

---

<sup>18</sup> A lista está em anexo no fim deste trabalho.

<sup>19</sup> Uma reflexão que me surgiu foi a de porque não separar a lista de acordo com os Quatro Discursos de Olavo de Carvalho. Não a fiz pelo simples motivo que passaria, talvez, anos para conhecer e classificar um por um.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olavo de Carvalho nos mostrou o início de um caminho para a formação de um indivíduo sábio, ou melhor, observou-se que a poética não gira em torno do falso e impossível e sim está contida no possível. Sendo a arte, a literatura, a ficção o mundo da possibilidade onde varias tensões e esquemas humanos são transmitidos podemos nos apossar dessas várias “figurinhas” de possibilidades de ações e reações, situações que através de grandes obras, personagens, expressões criadas e recriadas pelos grandes pensadores que oferecem aos leitores certo tipo de “vacina” contra determinadas situações, criando influência qualitativas em nossos juízos reais, um respaldo notável perante determinadas situações.

Tudo acima para um caminho, para se alcançar o Spoudaios, que seria o resultado, ou pelo menos a hipótese do trabalho. Com a teoria, Mortimer Adler nos dá a prática do feito, o como absorver e aonde procurar.

Para concluir, todas essas questões trazem vários problemas a resolver. Porém, não é a intenção de criar um método de estudo para todos, não existe um método universal. “A mente humana nunca avança em linha reta: precisa de interrupções e rodeios” (CARVALHO, Olavo. 2004. **Dicas de estudo**. *Zero Hora*)

Um exemplo de problema, a “moda” hoje em voga de proclamar o “hábito de leitura”, segundo Monir Nasser (2010) “isso é uma das pragas do Egito”<sup>20</sup>. De acordo com as teorias abordadas falta ao iniciante uma orientação de um sábio e ademais, como dito no início do trabalho o “ler por ler” não elevaria a cultura do homem, quando não atrapalharia demais estudos. “Se você não é capaz de tirar de um livro conseqüências válidas para sua orientação moral no mundo, você não está pronto para ler esse livro.” (CARVALHO, 1996. *Diário do Comércio*) Conclui-se que “é muito mais importante estimular a imaginação, abrir o horizonte do possível, despertar aspirações. E isso a arte e a ficção fazem de maneira exemplar”. (CARVALHO, 1999. *Educação e Consciência*).

---

<sup>20</sup> Comentário proferido por Monir Nasser em Palestra realizada no Auditório da ACIL (LONDRINA) por ocasião do programa "Expedições pelo Mundo da Cultura" em Julho de 2010.

De forma genérica, adentrei um pouco a esse problema para mostrar as possibilidades de estudos a respeito posteriormente. E para concluir, conheço a difícil empreitada para atingir tal objetivo, não se alcança a maturidade com objetivos superficiais de “possuir pensamento crítico” ou formar um “cidadão” e sim com dedicação e sinceridade intelectual. É um longo caminho proposto, porém, neste caminho Carvalho (2005) declara: “você talvez ainda seja um anão. Mas já estará sentado sobre os ombros de gigantes.”



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, Arte Retórica e arte poética, tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1959, p.305.

ADLER, Mortimer Jerome, 1902. **A Arte de Ler**. Mortimer Adler e Charles Van Doren; tradução de José Laurenio de Melo. Ed. Ver. E atual. Rio de Janeiro, Agir, 1974.

CARVALHO, Olavo. **Aristóteles em Nova Perspectiva**: Introdução à Teoria dos Quatro Discursos. Rio de Janeiro. TopBooks, 1996.

CARVALHO, Olavo. **A Vocação da Inteligência**. In: Curso de Introdução à Vida Intelectual, 1989. Rio de Janeiro, Instituto de Artes Liberais. Disponível em: <<http://www.seminariodefilosofia.org/Apostilas?page=3>> Acesso em: Julho 2010.

CARVALHO, Olavo. **A Vocação da Inteligência**: A Essência da Vida Intelectual. In: Curso de Introdução à Vida Intelectual, 1989, Rio de Janeiro, Instituto de Artes Liberais. Disponível em: <<http://www.seminariodefilosofia.org/Apostilas?page=3>> Acesso em: Julho 2010.

CARVALHO, Olavo. **Pela restauração intelectual do Brasil**. Diário do Comércio, 2006. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/060904dc.html>>. Acesso em Julho 2010.

CORDEIRO, José Nivaldo. 2002. **O Desafio do Mito Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0202.htm>>. Acesso em Setembro 2010.

CARVALHO, Olavo. 2007. **Ciência ou Palhaçada?** Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/070521dc.html>>. Acesso em Setembro 2010.

VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX, uma leitura sistêmica de causas e conseqüências**. 2009. 2v. Tese: (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

## ANEXO

1. Homero (século 9 A. C.)

“Iliada”

“Odisséia”

2. O Antigo Testamento

3. Ésquilo (c.525-456 A . C.)

“Tragédias”

Os Persas

4. Sófocles (c.495 – 425 A . C.)

“Tragédias”

Trilogia Tebana, Elektra, Os sete contra Tebas

5. Heródoto (c. 484 – 406 A . C.)

“História (das guerras persas)”

6. Eurípedes (c.485 – 406 A . C.)

“Tragédias” (especialmente “Medéia”, “Hipólito” e “O banquete”)

7. Tucídides (c.460 – 400 A . C.)

“História da guerra do Peloponeso”

8. Hipócrates (c.460 – 377? a. C.)

“Textos médicos”

9. Aristófanes (c.448 – 380 A . C.)

“Comédias” (especialmente “As nuvens”, “As vespas” e “As rãs”)

10. Platão (c.427 – 347 A . C.)

“Diálogos” (especialmente “A república”, “O simpósio”, “Fedro”, “Apologia de Sócrates”, “Prot

11. Aristóteles (384 – 322 A . C.)

“Obras” (especialmente “Órganon”, “Física”, “Metafísica”, “Sobre a alma”, “Ética”, “Política”, “Retórica” e “Poética”.

12. Epicuro (c. 341 – 270 A . C.)

“Carta a Heródoto”

“Carta a Menoceu”

13. Euclides (fl.c. 300 A . C)

“Elementos de Geometria”

14. Arquimedes (c.287 – 212 A . C)

“Obras” (especialmente “Sobre o equilíbrio dos planetas” e “Sobre os corpos flutuantes”)

15. Apolônio de Perga (fl.c. 240 A . C. )

“Sobre as seções cônicas”

16. Cícero (106 – 43 A . C)

“Obras” (especialmente “Orações”, “Sobre a amizade” e “Sobre a velhice”)

17. Lucrécio (c.95 – 55 A . C.)

“Sobre a natureza das coisas”

18. Virgílio (70-19 A . C)

“Obras”

19. Horácio (65 – 68 A . C)

“Obras” (especialmente “Odes”, “A arte da poesia”)

20. Lívio (59 A . C. 17 D.C.)

“História de Roma”

21. Ovídio (43 A . C. – 17 D.C)

“Obras” (especialmente “Metamorfoses”)

22. Plutarco (c 45 – 120)

“Vidas dos nobres gregos e romanos”

“Moralia”

23. Tácito (c.55 – 117)

“Histórias”

“Anais”

“Germania”

24. Nicômano de Gerasa (fl.c. 100 D.C)

“Introdução à aritmética”

25. Epiteto (c.60 – 120 DC)  
“Discursos”  
“Encheiridon” (manual)
26. Ptolomeu (c.100 – 178; fl.c 127 - 151 DC)  
“Almagest”
27. Luciano (c.120 – c.190 DC)  
“Obras” (especialmente “A forma de se escrever História”)
28. Marco Aurélio (121 – 180)  
“Meditações”
29. Galeno (c.130 – 200 DC)  
“Sobre as faculdades naturais”
30. O Novo Testamento
31. Plotino (205-270)  
“As novenas”
32. Santo Agostinho (354-430)  
“Obras” (especialmente “Sobre o mestre”, “Confissões”, “A cidade de Deus” e “A doutrina cristã”)
33. “A canção de Rolando” (século XII?)
34. “O anel dos Nibelungos” (século XIII?) (A “Saga dos Volsungos” é a versão escandinava da mesma lenda)
35. “A saga de Burnt Njal”
36. São Tomás de Aquino (c.1225 – 1274)  
“Summa Theologica”
37. Dante Alighuero (1265 – 1321)  
“Obras” (especialmente “A vida nova”, “Sobre a monarquia” e “A divina comédia”)
38. Geoffrey Chaucer (c.1340 – 1400)  
“Obras” (especialmente “Troilus e Criseyde” e “Os contos de Canterbury”)

39. Leonardo da Vinci (1452 – 1519)  
“Livro de notas”
40. Nicolau Maquiavel (1469 – 1527)  
“O príncipe”  
“Discurso sobre os primeiros dez livros de Lívio”.
41. Erasmo (c.1469 – 1536)  
“O elogio da loucura”
42. Nicolau Copérnico (1473 – 1543)  
“Sobre as revoluções das esferas celestiais”
43. Sir Thomas More (c.1483 – 1546)  
“Utopia”
44. Lutero (1483 – 1546)  
“Três tratados”  
“Conversa de mesa”
45. François Rabelais (c.1495 – 1553)  
“Gargântua e Pantagruel”
46. Calvino (1509 – 1564)  
“Institutos da religião cristã”
47. Michel de Montaigne (1533 – 1592)  
“Ensaios”
48. William Gilbert (1540 – 1603)  
“Sobre o imã e os corpos magnéticos”
49. Miguel de Cervantes Saavedra (1547 – 1616)  
“Dom Quixote”
50. Edmund Spenser (c.1522 – 1599)  
“Prothalamion”  
“The Faërie Queene”

51. Francis Bacon (1561 – 1626)

“Ensaaios”

“A evolução do aprendizado”

“Novo Organum”

“Nova Atlândida”

52. William Shakespeare (1564 – 1616)

“Obras”

53. Galileu Galilei (c.1564 – 1642)

“O mensageiro das estrelas”

“Diálogos sobre duas novas ciências”

54. Johannes Kepler (1571 – 1630)

“Epítome da astronomia de Copérnico”

“Sobre a harmonia do mundo”

55. William Harvey (1578 – 1657)

“Sobre o movimento do coração e do sangue nos animais”

“Sobre a circulação do sangue”

“Sobre a concepção de animais”

56. Thomas Hobbes (1588 – 1679)

“O Leviatã”

57. René Descartes (1596 – 1650)

“Regras para a direção da mente”

“O discurso do método”

“Geometria”

“Meditações sobre a primeira filosofia”

58. John Milton (1608 – 1674)

“Obras” (especialmente os “Poemas curtos”, “Areopagitica”, “Paraíso Perdido” e “Samson Agonistes”)

59. Molière (1622 – 1673)

“Comédias” (especialmente “Escola de mulheres”, “O misantropo”, “O doente imaginário” e “Tartuff”)

60. Blaise Pascal (1623 – 1662)

“As cartas da província”

“Pensamentos”

“Tratados científicos”

61. Christiaan Huygens (1629 – 1695)

“Tratado sobre a luz”

62. Espinoza (1632 – 1677)

“Ética”

63. John Locke (1632 – 1704)

“Carta sobre a tolerância”

“Sobre o governo civil” (o segundo tratado de “Dois tratados sobre o governo”)

“Ensaio sobre a compreensão humana”

“Pensamento sobre a educação”

64. Jean Baptiste Racine (1639 – 1699)

“Tragédias” (especialmente “Andrômaca” e “Fedra”)

65. Isaac Newton (1642 – 1727)

“Princípios matemáticos de filosofia natural”

66. Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646 – 1716)

“Discurso sobre a metafísica”

“Novos ensaios sobre a compreensão humana”

“Monadologia”

67. Daniel Defoe (1660 – 1731)

“Robinson Crusoe”

68. Jonathan Swift (1667 – 1745)

“Diário para Stella”

“As viagens de Gulliver”

“Uma proposta modesta”

69. William Congreve (1670 – 1729)

“O caminho do mundo”

70. George Berkeley (1685 – 1753)

“Princípio do conhecimento humano”



71. Alexander Pope (1688 – 1744)  
“Ensaio sobre a crítica”  
“Ensaio sobre o homem”
72. Charles de Secondat, Barão de Montesquieu (1689 – 1755)  
“Cartas da Pérsia”  
“O espírito das leis”
73. Voltaire (1694 – 1778)  
“Carta sobre os ingleses”  
“Cândido”  
“Dicionário filosófico”
74. Henry Fielding (1707 – 1754)  
“Joseph Andrews”  
“Tom Jones”
75. Samuel Johnson (1709 – 1784)  
“A vaidade dos desejos humanos”  
“Dicionário”  
“Rasseslas”  
“As vidas dos poetas” (especialmente os ensaios sobre Milton e Pope)
76. David Hume (1711 – 1776)  
“Tratado sobre a natureza humana”  
“Ensaio morais e políticos”  
“Uma investigação sobre a compreensão humana”
77. Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778)  
“Sobre a origem da desigualdade”  
“Sobre economia política”  
“Emílio”  
“O contrato social”
78. Laurence Sterne (1713 – 1768)  
“Tristram Shandy”  
“Uma viagem sentimental pela França e pela Itália”
79. Adam Smith (1723 – 1790)

“A teoria dos sentimentos morais”

“Ensaio sobre a natureza e as causas das riquezas das nações”

80. Immanuel Kant (1724 – 1804)

“Crítica da razão pura”

“Princípios fundamentais da metafísica as moral”

“Crítica da razão prática”

“A ciência do direito”

“Crítica do julgamento”

“A paz perpétua”

81. Edward Gibbon (1737 – 1794)

“O declínio e a queda do império romano”

“Autobiografia”

82. James Boswell (1740 – 1795)

“Diário” (especialmente o “Diário de Londres”)

“Vida de Samuel Johnson”

83. Antonio Laurent Lavoisier (1743 – 1794)

“Elementos de química”

84. John Jay (1745 – 1829), James Madison (1751 – 1836) e Alexander Hamilton (1757 – 1804)

“Os documentos federalistas” (ao lado de “Artigos da Confederação, da “Constituição dos Estados Unidos” e da “Declaração de Independência”

85. Jeremy Bentham (1748 – 1832)

“Introdução aos princípios de moral e legislação”

“Teoria das ficções”

86. Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832)

“Fausto”

“Poesia e verdade”

87. Jean-Baptiste Joseph Fourier (1768 – 1830)

“Teoria analítica do calor”

88. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831)

“Fenomenologia do espírito”

“Filosofia do direito”

“Ensaio sobre a filosofia da História”

89. William Wordsworth (1770 – 1850)

“Poemas” (especialmente “Baladas líricas”, “Poemas de Lucy”, os sonetos e “O Prelúdio”)

90. Samuel Taylor Coleridge (1772 – 1834)

“Poemas” (especialmente “Kubla Khan” e “Rime of the ancient mariner”)

91. Jane Austen (1775 – 1817)

“Orgulho e preconceito”

“Emma”

92. Karl von Clausewitz (1780 – 1831)

“Sobre a guerra”

93. Stendhal (1783 – 1842)

“O vermelho e o negro”

“A cartuxa de Parma”

“Sobre o amor”

94. George Gordon, Lord Byron (1788 – 1824)

“Don Juan”

95. Arthur Schopenhauer (1788 – 1860)

“Estudos sobre o pessimismo”

96. Michael Faraday (1791 – 1875)

“História química de uma vela”

“pesquisas experimentais em eletricidade”

97. Charles Lyell (1797 – 1867)

“Princípios de geologia”

98. Auguste Comte (1798 – 1857)

“A filosofia positivista”

99. Honoré de Balzac (1799 – 1850)

“O pai Goriot”

“Eugénie Grandet”

100. Ralph Waldo Emerson (1803 – 1882)

“Homens representativos”

“Ensaaios”

“Diário”

101. Nathaniel Hawthorne (1804 – 1864)

“A letra escarlate”

102. Alexis de Tocqueville (1805 – 1859)

“ A democracia na América”

103. John Stuart Mill (1806 – 1873)

“Sistema da lógica”

“Sobre a liberdade”

“O governo representativo”

“Utilitarismo”

“A submissão das mulheres”

“Autobiografia”

104. Charles Darwin (1809 – 1870)

“A origem de espécies”

“A queda do homem”

“Autobiografia”

105. Charles Dickens (1812 – 1870)

“Obras” (especialmente “Os papéis de Pickwick”, “David Copperfield” e “Tempos difíceis”)

106. Claude Bernard (1813 – 1878)

“Introdução ao estudo da medicina experimental”

107. Henry David Thoreau (1817 – 1862)

“Desobediência civil”

“Walden”

108. Karl Marx (1818 – 1883)

“O capital” (ao lado de “O manifesto comunista”)

109. George Eliot (1819 – 1880)

“Adam Bede”  
“Middlemarch”

110. Herman Melville (1819 – 1891)

“Moby Dick”  
“Billy Bud”

111. Feodor Dostoiévski (1821 – 1881)

“Crime e Castigo”  
“O idiota”  
“Os irmãos Karamazov”

112. Gustave Flaubert (1821 – 1880)

“Madame Bovary”  
“Três histórias”

113. Henrik Ibsen (1828 – 1906)

“Peças (especialmente “Hedda Gabler”, “Casa de bonecas” e “Gansos selvagens”)

114. Leon Tostoi (1828 – 1910)

“Guerra e paz”  
“Anna Karenina”  
“O que é arte?”  
“23 contos”

115. Mark Twain (1835 – 1910)

“As aventuras de Huckleberry Finn”  
“O estrangeiro misterioso”

116. William James (1842 – 1910)

“Os princípios de psicologia”  
“As variedades da experiência religiosa”  
“Pragmatismo”  
“Ensaio de empirismo radical”

117. Henry James (1843 – 1916)

“Os americanos”  
“Os embaixadores”

118. Friederich Wilhelm Nietzsche (1844 – 1900)

“Assim falava Zarathustra”

“Além do bem e do mal”

“A genealogia da moral”

“A vontade de potência”

119. Jules Henri Poincaré (1854 – 1912)

“Ciência e hipótese”

“Ciência e método”

120. Sigmund Freud (1856 – 1939)

“A interpretação dos sonhos”

“Conferências introdutórias à psicanálise”

“O mal-estar da civilização”

“Novas conferências introdutórias à psicanálise”

121. George Bernard Shaw (1856 – 1950)

“Peças ( e seus prefácios; especialmente “Homem e super-homem”, “César e Cleópatra”, Pigmalião” e “Santa Joana”)

122. Max Planck (1858 – 1947)

“Origem e evolução da teoria quântica”

“Para onde vai a ciência”

“Autobiografia científica”

123. Henri Bergson (1859 – 1941)

“Tempo e livre-arbítrio”

“Matéria e memória”

“Evolução criativa”

“As duas fontes da moralidade e da religião”

124. John Dewey (1859 – 1952)

“Como nós pensamos”

“Democracia e educação”

“Experiência e natureza”

“Lógica, a teoria da investigação”

125. Alfred North Whitehead (1861 – 1947)

“Uma introdução à matemática”

“A ciência e o mundo moderno”

“Os objetivos da educação e outros ensaios”

“Aventuras das idéias”

126. George Santayana (1863 – 1952)

“A vida da razão”

“Ceticismo e a fé animal”

“Pessoas e lugares”

127. Lenin (1870 – 1924)

“O Estado e a revolução”

128. Marcel Proust (1871 – 1922)

“Em busca do tempo perdido”

129. Bertrand Russel (1872 – 1970)

“Os problemas da filosofia”

“Análise da mente”

“Uma investigação sobre o sentido e a verdade”

“O conhecimento humano, sua natureza e seus limites”

130. Thomas Mann (1875 – 1955)

“A montanha mágica”

“José e seus irmãos”

131. Albert Einstein (1879 – 1955)

“O significado da relatividade”

“Sobre o método da física teórica”

“A evolução da física” (com L. Infeld)

132. James Joyce (1882 – 1941)

“Os mortos” (in “Dublinenses”)

“Retrato do artista quando jovem”

“Ulisses”

133. Jacques Maritain (1882 – 1973)

“Arte e escolástica”

“Os graus do conhecimento”

“Os direitos do homem e a lei natural”

“O verdadeiro humanismo”

134. Franz Kafka (1883 – 1924)

“O processo”

“O castelo”

135. Arnold Toynbee (1889 – 1975)

“Um estudo da História”

“A civilização em julgamento”

136. Jean-Paul Sartre (1905 – 1980)

“A náusea”

“Entre quatro paredes”

“O ser e o nada”

137. Alexander Soljenitsin (1918 - )

“O primeiro círculo”

“Pavilhão dos cancerosos”.



